



AS CRÔNICAS DE CLARICE LISPECTOR: UMA CONVERSA EPISTÊMICA DO COTIDIANO

Nathalia Flores Soares¹

Edgar César Nolasco²

Resumo: Nosso ponto de partida para a escrita deste trabalho, assenta-se na crítica biográfica fronteira como possibilidade epistemológica outra de teorizar acerca das conversas como fazer desteórico subsidiado pela descolonialidade. Na esteira dessa afirmação, aportados pelas crônicas de Clarice Lispector as quais nos antecipam, desconfiamos que as crônicas claricianas constroem uma epistemologia assentada no cotidiano. Dessa feita, queremos compreender como as crônicas constroem o arcabouço de uma conversa epistêmica e também podem ser entendidas como uma narrativa crítica da realidade brasileira. Buscaremos tomar essas nossas/crônicas como uma maneira de conceituar o que estamos chamando na esteira de Walter Mignolo (2018) de “conversas epistêmicas”. Justificando a eleição desta proposta, estamos pensando em uma conceituação de caráter crítico biográfico fronteira acerca das crônicas de Clarice Lispector. A liberdade da escrita clariciano acaba por desvelar um modo outro de fazer crônica, colocando em jogo as próprias formas clássicas narrativas restritas somente ao gênero literário. Dito isso, queremos denotar como as crônicas de Lispector podem ser entendidas como conversas as quais foram convertidas em uma história local do Brasil.

Palavras-chave: Clarice Lispector. Crônica. Descolonialidade. Fronteira.

THE CHRONICLES OF CLARICE LISPECTOR: A EPISTEMIC CONVERSATION

Abstract: *Our starting point for the writing of this work is based on borderline biographical criticism as another epistemological possibility to theorize about conversations as a deterritorizing doing subsidized by decoloniality. In this sense, supported by Clarice Lispector's chronicles, which precedes us, we suspect that Clarice's chronicles build an epistemology based on everyday life. This time, we want to understand how the chronicles build the framework of an epistemic conversation and can also be understood as a critical narrative of the Brazilian reality. We will seek to take these ours / chronicles as a way of conceptualizing what we are calling in the wake of Walter Mignolo (2018) “epistemic conversations”. Justifying the choice of this proposal, we are thinking of a borderline biographical critical conceptualization of Clarice Lispector's chronicles. The freedom of Clarice's writing ends up revealing another way of writing a chronicle, putting into play the classic narrative forms restricted only to the literary genre. That said, we want to denote how Lispector's chronicles can be understood as conversations which were converted into a local history of Brazil.*

¹ Doutoranda - PPGEL/FAALC/UFMS. Membro do Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC). ORCID: 0000-0002-6197-3901.

² Doutor em Literatura Comparada – UFMG. Pós-doutorado em Cultura - UFRJ, docente PPGEL/FAALC/UFMS. Coordenador do NECC - CNPq/UFMS. ORCID: 0000-0002-8180-585X.

Keywords: Clarice Lispector. Chronic. Decoloniality. Border.

Introdução

O presente estudo se delinea a partir da fronteira-sul, nosso biolocus geohistórico e epistemológico, propõe estabelecer uma teorização *outra* crivada à luz da noção de *conversas epistêmicas* (MIGNOLO, 2003) a partir da intelectual Clarice Lispector, tendo como enfoque as crônicas que compõem o projeto da autora. Para isso, nossa discussão se assenta na crítica biográfica fronteiriça (NOLASCO, 2015), bem como na descolonialidade. (MIGNOLO, 2003), considerando que: “[...] um fazer descolonial que toma a memória como uma prática que se erige da vida, da condição, das línguas e das histórias dos sujeitos que se encontram numa exterioridade [...]” (NOLASCO, 2014, p. 139).

Assim, nossa prática teórica fronteiriça terá como ilustração as crônicas de Lispector a fim de traçar um perfil político da intelectual, elucidando como seus escritos denunciavam a fome, a injustiça social e o apagamento de sujeitos subalternos. A teorização proposta será delimitada pelo caráter sul-fronteiriço, o qual nos respalda para ler de maneira *outra* a literatura clariciana na atualidade. Buscaremos uma teorização que emerge a *partir da* (MIGNOLO, 2003) fronteira geohistórica, conceitual e epistemológica a qual vai além do proposto pela epistemologia moderna, a fim de nos desprender (MIGNOLO, 2020) não só das histórias (bio)locais que foram suprimidas, excluídas e invisibilizadas por ela.

Nosso desejo também é desprender a *persona*, Clarice Lispector da velha crítica moderna literária, a qual privilegiava a estética em detrimento do caráter político e potente da literatura clariciana. Como exposto por Nolasco: “A crítica clariciana não conseguiu acompanhar devidamente os desdobramentos críticos e políticos que a intelectual impunha à sua obra como um todo.” (NOLASCO, 2021, p. 22). A crítica literária por muito foi assentada sob o prisma da filosofia ocidental, a qual concebia um modelo universal de literatura, em que a estética era privilegiada em detrimento do próprio texto literário, se constituindo como uma maneira de unificar a literatura, a forma e o texto literário em prol do humanismo ocidental respaldado principalmente pela noção goethiana de *Weltliteratur*. Essa ideia centralizadora excluiu e desprezou qualquer ser/saber/pensamento que não fosse o do “modelo” proposto em que os sujeitos,

saberes, produções erigidas da exterioridade foram excluídos e ficaram de fora do projeto mundo colonial por destoarem do padrão moderno homogeneizante.

Ensejamos entender como a literatura de Clarice Lispector denota, ao seu modo, um discurso político que se dirige em prol dos sujeitos da exterioridade. Tendo em mente que a literatura clariciana se “insinua nas frestas da vida e da ficção” (NOLASCO, 2021, p. 22), queremos explicitar por meio da crítica biográfica fronteiriça como a intelectual molda por meio de sua literatura um discurso político acerca do Brasil. O qual se insinua e se projeta no futuro em que vivemos.

De modo que a crítica biográfica nos é imprescindível pois permite “a interpretação da literatura além de seus limites intrínsecos e exclusivos por meio da construção de pontes metafóricas entre fato e ficção” (SOUZA, 2011, p. 112). Parafraseando Eneida Maria de Souza, pretendemos, por meio dessas pontes constituídas de metáforas, construir um perfil intelectual de Lispector em que seus expoentes maiores estão assentados no desprendimento com a boa e velha forma de fazer crítica, e, sobretudo, prezar pelas vidas, saberes, discursos que emergem da exterioridade, como por exemplo, esse estudo que se delinea a partir do espectro de um dos maiores nomes da literatura.

Desenvolvimento

A relevância desta pesquisa justifica sua eleição, uma vez que estamos nos baseando na necessidade de se fazer teorização da fronteira-sul de Mato Grosso do Sul. Desse modo, essa teorização *outra* se respalda nas premissas propostas pela crítica biográfica fronteiriça para teorizar, dialogar e traçar um perfil intelectual político acerca dos escritos de Clarice Lispector presentes na obra: *Todas as crônicas* (2018). Também cabe ressaltar na esteira dessas afirmações que, as relações entre a proposta aqui delineada mantêm um diálogo com a área de concentração e a linha de pesquisa escolhidas no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL).

Por conseguinte, falar de Clarice Lispector é sempre necessário e relevante, tendo em mente sua importância para nossa literatura brasileira. Nesse ínterim, falar de Clarice é também falar do Brasil do passado que se insinua no futuro, de política, de sociedade e de corpos subjugados em prol de um estado que não preza por suas vidas. Essa teorização se insere como “[...] um fazer descolonial que toma a memória como uma prática que se erige da vida, da condição, das línguas e das histórias dos sujeitos que se encontram numa exterioridade [...]” (NOLASCO, 2014, p. 139).

Por isso, tomaremos a memória e o espectro de Clarice Lispector presente nas mais de 700 crônicas escritas ao longo de sua vida como modo de ressaltar o jogo discurso criado por Lispector em *suas crônicas* é caro ao fazer descolonial por denunciar questões de ordem social, corpos relegados ao esquecimento, a fome. Sendo assim, se torna conseqüentemente imprescindível para a crítica biográfica fronteira. Tendo em mente o gênero literário elegido, a crônica a qual relata situações cotidianas da escritora, do país, da cultura. Facundo Giuliano corrobora para nossa teorização quando entende o jogo discurso criado a partir do dia a dia como:

O mais bonito de jogar, seu grande prazer, talvez não esteja na soberania de quem joga(brinque) com algo, mas, sim, na possibilidade de que - compartilhando - o jogo ganhe vida e comece a jogar conosco. Porque apostamos nossa vida em alguns pensamentos, e alguns pensamentos se lançam na vida. E, embora muitas vezes não sejam escritos ou não seja possível escrevê-los, esses pensamentos do jogo cotidiano que implica em viver pintam a paisagem que temos dentro descansando sobre o solo (ou os solos) que habitamos. (GIULIANO, 2018, p. 18)³

Justificando a eleição desta proposta, estamos pensando em uma conceituação de caráter crítico biográfico fronteira acerca das crônicas de Clarice Lispector, uma vez que ao escrever o que quer, Clarice desvela um modo outro de fazer crônica, coloca em jogo a posição crítica moderna e das próprias formas clássicas narrativas restritas somente ao gênero. Posto isso, queremos denotar como as crônicas de Clarice podem ser entendidas como conversas as quais foram convertidas em uma história local do Brasil da época Ditatorial e que se projetam no presente ainda como denúncia de uma realidade que mesmo 40 anos depois sofre das mesmas mazelas, vide o aumento da fome, o descaso com a educação.

É por meio da re-leitura das crônicas claricianas somos capazes de inferir que assim como conversas, esses documentos/textos/crônicas emergem de toda parte e se consolidam como conhecimento epistemológico válido 40 anos depois de sua escrita. A crônica, assim como a conversa segue um movimento de trânsito. Podendo ser lida no presente, e re-atualizada por meio do contexto social/político/cultural que nos circunda.

³ O fragmento anterior se trata de uma tradução nossa, no original:

“Lo bonito de jugar, su gran pracer, tal vez radique no en la soberanía de quien juega con algo sino, más bien, en la posibilidad de que -al compartir _ el juego cobre vida y empiece a jugar con nosotros. Porque nos jugamos la vida en algunos pensamientos, y algunos pensamientos se juegan en vida. Y, aunque muchas veces no se escriban o no se pueden escribir, esos pensamientos del juego cotidiano que implica vivir, pintan el paisaje que llevamos dentro gravitado por el suelo (o los suelos) que habitamos.” (GIULIANO, 2018, P. 18).

Reiterando o exposto, a hipótese maior de nossa teorização é sustentar um caráter crítico biográfico fronteiro em que a postura política de Clarice Lispector seja compreendida como uma subjetividade da intelectual rumo a denotar como as crônicas podem ser entendidas como uma conversa epistêmica. Para tanto, utilizaremos a crônica clariciana para compreender o jogo discursivo e político criado em Clarice por meio de sua literatura. Há a necessidade de entender como a crônica do cotidiano clariciano represente seu caráter político. Clarice vem jogando com a literatura, e com a crítica literária há muitos anos, sua importância e relevância para a cultura literária são indiscutíveis. Desse modo, ensejamos um modo *outro* de fazer crítica biográfica, em que os compromissos políticos e intelectuais de Lispector sejam validados e teorizados, os quais irão contribuir para nossa conceituação em torno de uma conversa epistêmica.

É por meio da escrita que iremos procurar atender as nossas expectativas conceituais e teóricas sobre Clarice, tendo em mente o afirmado pela própria: “Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador. Escrever é também abençoar uma vida que não foi abençoada.” (LISPECTOR, 1999, p.83). Posto isso, nossas vidas de críticos biográficos fronteiros, não “abençoados” pela magnitude da colonialidade do poder, serão compartilhadas em consonância com as crônicas do dia a dia clariciano. Assim sendo, nossa teorização maior está assentada em “aprender a desaprender para poder assim re-aprender” (MIGNOLO, 2008, p. 98).

Na esteira dessa afirmação conceitual, iremos re-aprender a descobrir o mundo com Clarice, por meio do diálogo que iremos manter com os amigos-autores-aliados que elencamos para suplementar nossa epistemologia, Edgar César Nolasco afirmou em livro recente escrito em comemoração ao centenário de Clarice o seguinte: “a intelectual brasileira já propunha, mesmo que sem o saber, uma teorização descolonial fronteira do desprendimento com relação especificamente, à boa tradição literária e seu respectivo pensamento moderno ocidental.” (NOLASCO, 2021, p. 30). Nolasco elucida o que ensejamos quando pensamos no perfil político clariciano, posto que seus escritos tratam da fome, da miséria do Brasil, do desinteresse em relação à cultura.

Desse modo, a descoberta do mundo de Clarice está para o desprendimento não só da boa tradição literária, mas, sim, da história universal homogeneizante como um todo. A boa tradição literária se tornou responsável por excluir mulheres da literatura universal, como afirmado por Silviano Santiago em texto sobre Clarice, a literatura considerada ruim era simplesmente “[...] jogada na lata de lixo da história como sentimental ou condenável, de mulheres para mulheres” (SANTIAGO, 2004, p. 233).

Pensar desse ponto de vista é consequência da colonização maçante sofrida nas várias esferas da humanidade, mais um exemplo do falocentrismo existente na boa e velha tradição literária oitocentista. Na esteira de Santiago, vemos que Clarice foi peça chave e triunfante para inverter a lógica machista presente na literatura, os escritos da autora contribuem para a denúncia da realidade social, eis o jogo discursivo de Lispector, feito a partir do cotidiano. memórias, escritos e experiências compõem de forma ímpar o jogo de Clarice. Sua escrita se desprender da boa tradição literária por descortinar seu caminho em direção ao desprendimento.

Entender que o jogo clariciano não está só para a ficção, demanda compreender que a realidade o atravessa, como um esforço que se chega à memória, “escrever é tantas vezes lembrar-se do que nunca existiu.” (LISPECTOR, 1999, p. 259). Escrever uma literatura pelo ponto de vista feminino, rodeada de memórias e histórias as quais foram soterradas prol da colonialidade do poder e de universalismos abstratos que se projetaram como modelo de escrita e de vida. (SANTOS, 2010, s/p). Queremos demonstrar como o escrever para Clarice acaba se tornando uma forma de re-contar memórias e descobrir o mundo para além dos limites intrínsecos da colonização.

Ao que cerne à utilização dos conceitos, valeremo-nos da crítica biográfica fronteira como por exemplo os conceitos de re-surgência, (GIULIANO, 2018), desprendimento (MIGNOLO, 2018), corpo-política. (MIGNOLO, 2003). O entendido e teorizado por Mignolo por re-surgência nos vale na medida em que defende uma nova formação do mundo a partir do diálogo fronteira. Aportados por essa afirmação, a descoberta do mundo a partir de Clarice se constitui como uma forma de re-surgência por através do gesto da escrita prezar pelas vidas outras banalizadas nas entrelinhas do processo colonial. Mignolo assevera acerca do conceito que esses gestos contribuem “para a re-emergência, res-surgência e re-existência planetária de pessoas cujos valores, modos de ser, línguas, pensamentos e histórias foram degradados para serem dominados.” (MIGNOLO, 2014, s/p).

A literatura clariciano se inscreve para que mundos mais justos sejam descobertos e teorizados. Antonio Candido já havia afirmado “procura criar um mundo partindo das suas próprias emoções, da sua própria capacidade de interpretação” (CANDIDO, 1977, p. 28). O consagrado teórico já observava em Clarice o fato de que o mundo criado por e a partir da escrita dela se insere como uma capacidade única de interpretação, não antes vista na história literária. Nesse sentido, ao teorizar sobre Clarice iremos contribuir para a nossa interpretação do mundo a partir das fronteiras que habitamos. Exposto por Nolasco como:

O modo outro como Clarice propõe sua escrita e procura entender sua literatura inscreve-se na fronteira que se instaura entre ficção e realidade [...] o que permite que sua produção intelectual arregimente para si uma opção de desprendimento, desaprendizagem e de descolonialidade (NOLASCO, 2021, p. 34).

Conclusão

Á guisa de conclusão, inferimos que o mundo é acessado por meio de Clarice se instaura nas frestas da ficção e da realidade, como uma forma de criar, recuperar, relembrar o que foi esquecido. Ao passo que o mundo re-surge por meio da sua escrita, nos fazendo com que pensemos no desprendimento das matrizes coloniais de poder. Realmente, o que Lispector escreve ainda não tem nome. Mas pode ser teorizado como uma crônica do cotidiano brasileiro que se insinua rumo a denotar uma conversa epistêmica. E é justamente por pensarmos em Clarice como uma intelectual/aliada política que iremos teorizar sobre seus textos-crônicas com base na epistemologia descolonial, pois, sua literatura se constitui como componente de nosso *bios* enquanto críticos biográficos fronteiriços.

As crônicas de Clarice se fazem presentes na obra literária como um todo, se insinuam em direção ao presente e ao futuro. Descortinando mais uma vez a importância e a grandiosidade da re-surgência para que possamos re-existir enquanto intelectuais do terceiro mundo, Mignolo afirma que: “re-surgência, assim como re-existência, não são propostas para voltar ao passado, mas sim para definir projetos no presente”. (MIGNOLO, 2018, p 235).

A descoberta do mundo aqui teorizada visa re-surgir e fazer com que outras leituras sejam feitas a partir do viés crítico biográfico fronteiriço. Nessa seara, foi que elencamos a obra de Clarice como fio condutor de nossa teorização. Silvano Santiago escreveu em texto intitulado “A política em Clarice Lispector” (2014) que em torno de Clarice circulam as mais variadas imagens, há sempre o que se dizer sobre a autora. Sendo assim, Santiago continua dissertando sobre Lispector na medida em que nos apresenta como compreender a política revolucionária presente no texto de Clarice. O autor afirma que seu texto é “altamente politizado na medida em que, opõe-se a imanência histórica a salvação.” (SANTIAGO, 2014, p. 03). Na esteira do autor mineiro, dizer que a política de Clarice se opõe à noção messiânica da história universal nos é caro em termos de descolonização, considerando-se que o processo da mesma foi

moldado com o intuito salvífico e messiânico, o qual limitou nossas capacidades políticas e intelectuais.

Por fim, pensar em Clarice enquanto cronista na presente demanda teorizar de modo *outro* sua trajetória política intelectual. Enquanto críticos biográficos fronteiriços, fazer teorização no presente é nossa única condição pra re(des)cobrir o mundo que nos foi tirado pela narrativa colonial. Há uma urgência em se descobrir os mundos *outros*, o mundo de Clarice, o nosso, os quais se constroem a partir das fronteiras de nossa realidade sul - mato-grossense.

Referências

CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 2ª Edição. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1977

GIULIANO, Facundo (comp.). **¿Podemos pensar los no-europeos?** Ética decolonial y geopolíticas del conocer. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2018.

LISPECTOR, Clarice. **Todas as crônicas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

LISPECTOR, Clarice. **A Descoberta do Mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

MENESES, Maria Paula; SANTOS, Boaventura de Sousa (org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 15-27.

MIGNOLO, Walter. Prefacio de la edición castellana: *un paradigma otro: colonialidad global, pensamiento fronterizo y cosmopolitismo crítico*. In: MIGNOLO, Walter. **Historias locales/diseños globales: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo**. Madrid: Ediciones Akal Sa, 2003b, p. 19-60.

MIGNOLO, Walter. **Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2014.

MIGNOLO, Walter. **Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade**. 2017.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S010269092017000200507&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 23 nov. 2020.

NOLASCO, Edgar Cézar. Memórias subalternas latinas. In: NOLASCO, Edgar Cézar. **Perto do coração selvagem da crítica fronteiriça**. São Carlos: Pedro&João Editores, 2013, p. 131-159.

NOLASCO, Edgar Cézar. **A hora da(s) estrela(s) Clarice e Macabéa**: fora da literatura, dentro da realidade. Campinas: Pontes, 2021.

SANTIAGO, Silvano. A aula inaugural de Clarice Lispector. In: _____. **O cosmopolitismo do pobre**: crítica literária e crítica cultural. 2004. Belo Horizonte: Editora da UFMG.

SANTIAGO, Silvano. **A política em Clarice Lispector**. 2014. Editora Rocco.